

Birthright

i.m. Eavan Boland who meshed womanhood and nationhood

You often think of what you left behind.
There was your family, of course. Aunts
and uncles. In time, cousins. And for a time,
grandparents. You wonder now did those
grandparents miss you. If they did, they never
said. You know what it is to be separated
from a grandchild. You know the longing
for that small person. You think of all you might
teach her. You think that time is running out.

Your grandparents may have thought that
about time but may have been reluctant
to teach you how to survive, though you may
have learned through their example – how
to unravel parts of a cardigan that weren't
threadbare and knit them into a new garment,
how to fashion sheets from flourbags.

You remember a pedlar would call with tapers
to light the wicks in the gaslights. Others would
bring fish, fresh fruit, bottles of fizzy drinks.
Your grandmother would mix one of the cordials
with a second liquid and create a drink to build
you up. It tasted strange. You drank it,
nonetheless, not knowing it was part Guinness.

You left those days and more behind. You left
the smell of the sea. The cold of the granite
beneath your bottom as you watched the Pierrots.
The slipperiness of the moss beneath your feet
at the bathing place round the back of the quarry.

You brought with you tales of the quarry – of how
it was bottomless. How a girl you knew fell over
the edge once and her dress caught in a splinter
of rock that held her until she was rescued.

You know that story is true. You also know
the quarry was formed when granite to build
the pier was hewn from it. A simple
explanation. One that makes sense.
More so than the other story you bring
with you: the story of your leaving.

English version of “Ceart Duchais” by Celia de Fréine

Ceart Dúchais

Is minic leat cuimhneamh ar ar fhág tú id dhiaidh.
B'ann dod mhuintir, ar ndóigh. Aintíni is uncailí. In
imeacht ama, col ceathracha. Agus go ceann scaithimh
seantuismitheoirí. Ábhar iontais duit ar airigh
na seantuismitheoirí uathu thí. Má rinne, ní dúirt siad é.
Is eol duit cén chaoi a mbraitheann sé a bheith scartha
ó gharpháiste. Is eol duit an chumha i ndiaidh
an duine bhig úd. Smaoiníonn tú ar a bhféadfá
a theagasc di. Smaoiníonn tú nach bhfuil móran ama fágtha.

Seans gur cheap do sheantuismitheoirí é sin
faoi easpa ama ach go raibh drogall orthu tú
a theagasc cén chaoi le maireachtáil,
cé go mb'fhéidir gur fhoghlaím tú óna nósanna
an chaoi le codanna cairdeagain nach raibh
smolchaite a roiseadh is ball éadaigh nua a chniotáil astu,
an chaoi le braillíní a dhéanamh de mhálaí plúir.

Is cuimhin leat go dtugadh mangaire, fáideoga aige
leis na lampái gáis a lasadh. Daoine eile a thugadh leo
éisc, torthaí úra, buidéil de dheochanna súilíneacha.
Mheascadh do Mhamó ceann de na coirdial
le leacht eile chun deoch a chruthú le tú a neartú.
Bhí blas aisteach air. D'óladh tú é fós féin, gan a fhios
agat go raibh Guinness ina bhunábhar ann.

D'fhág tú na laethanta sin is tuilleadh id dhiaidh. D'fhág tú
boladh na farraige. Fuaire an eibhir faoi do thóin is tú
ag breathnú ar na Pierrots. Sleamhaine an chaonaigh faoi
do chosa ag an ionad snámha taobh thiar den chairéal.

Thóg tú leat scéalta an chairéil – faoi go raibh sé
gan tóin. Gur thit girseach a raibh aithne agat uirthi
thar an imeall lá ach gur rug scealp charraige ar a gúna
a choinnigh slán í gur tháinig fear i gcabhair uirthi.

Is eol duit gur fíor an scéal sin. Is eol duit
freisin gur cruthaíodh an cairéal am
ar baineadh eibhear as leis an gcé
a thógáil. Míniú simplí. Ceann a bhfuil
brí leis. Níos mó ná mar atá sa scéal
a thugann tú leat, scéal d'imeachta.

Celia de Fréine

Written for “Eavan Boland — In Her Many Images”, *ABEI Journal* 23.2 (2021).

Direito inato

i.m. Eavan Boland que entrelaçou feminilidade e nacionalidade

Com frequência você pensa no que deixou para trás.
Tinha sua família, é claro. Tias e
tios. Em tempo, primos. E por um tempo,
avós. Você se pergunta hoje se seus
avós sentiram saudade de você. Se sim, eles nunca
falararam. Você sabe como é estar longe
de uma neta. Você conhece a saudade
daquela pessoa. Você pensa em tudo que poderia lhe ensinar. E acha que o tempo está
esgotando.

Os seus avós podem ter pensado nisso
em tempo, mas podem ter hesitado
em lhe ensinar como sobreviver, embora você possa
ter aprendido pelos seus exemplos – como
desembaraçar os fios de um cardigã que não estavam puídos e refazê-los numa nova
vestimenta,
como remodelar sacos de farinha em lençóis.

Você se lembra de um mascate usando funis
para acender os pavios dos lampiões. Outros
traziam peixe, frutas frescas, garrafas de refrigerante.
A sua avó misturaria algum tônico
com outro líquido e faria uma bebida
para você ficar forte. Com gosto estranho. Você costumava beber,
porém, sem saber que era em parte Guinness.

Você deixou tudo isso e muito mais para trás.
O cheiro do mar. O granito gelado
sob seu corpo enquanto você assistia Pierrots.
O musgo escorregadio sob os seus pés
onde você tomava banho, no entorno atrás da pedreira.

Você trouxe consigo os contos da pedreira – de como ela não tinha fim. E de como
certa vez uma garota, sua conhecida, caiu da beirada e o seu vestido ficou preso
numa pedra que a segurou até que ela fosse resgatada.

Você sabe que essa estória é verdadeira. Também sabe que a pedreira surgiu quando o granito ao píer foi de lá talhado. Eis uma explicação simples. Uma que faça sentido.

Mais do que a outra história que você traz consigo: a história da sua partida.

Portuguese translation by Marina Bertani Gazola

O legado

Na memoria de Eavan Boland, quen entreteceu muller e nación

A miúdo pensas no que deixaches atrás.
A túa familia, sen dúbida. Tías e
tíos. Co tempo, curmáns. E nunha época,
os avós. Agora pregúntaste se os avós realmente
te botaron en falta. Se así o fixeron, endexamais
o exteriorizaron. Sabes o que é estar separado
dun neto. Sabes do anhelo por esa crianza. Pensas en todo
o que lles poderías ensinar. Pensas que apenas queda tempo.

Poida que os teus avós pensasen igual
sobre o tempo, mais se amosasen reticentes
a ensinarche como sobrevivir, áinda que se cadra
aprendiches do seu exemplo – como
desenguedellar partes dunha chaqueta que non estaban
raídas e calcetalas para facer nunha nova prenda,
como facer sabas de sacos de fariña.

Lembras cando viña un vendedor ambulante
con mistos para prender a chama dos farois.
Outros traían peixe, froita, refrescos.
A túa avoa combinaba un dos seus licores
con outro líquido para crear unha bebida revigorante,
cun sabor alleo e, áinda así, bebíala
sen saber que levaba Guinness.

Deixaches atrás eses e moitos outros días.
Deixaches o olor a mar. O granito frío
nas nádegas mentres contemplabas os Pierrot.
O mofo esvaradío baixo os teus pés
no lugar de baño á volta da canteira.

Trouxeches contigo as lendas da canteira – de como non tiña
fondo. Como, nunha ocasión, unha rapariga que coñecías
caera da beira e o seu vestidiño ficara enganchado
nun anaco de rocha e así se sostivo até que a rescataron.

Coñeces a veracidade da historia. Tamén sabes
que a canteira se construíra para extraer o granito
do espigón. Unha explicación
ben simple. Unha que ten sentido.
Máis sentido que esa outra historia que
contigo gardaches: a historia da túa partida.

Galician translation by Yolanda López López